

Unidos pelo sangue



# Ato 1 – conhecimento

10/05/1990 – Ainda me pergunto o que aconteceu esta noite. Fui chamado para um trabalho como de costume, passei pelo bar central da cidade, ele sempre fica aberto até quando o ultimo lá dentro já não consegue mais ficar em pé por conta das bebidas, a luz de seu letreiro reluzia nas gotas de água na rua e nos carros, todos que passavam por lá o via era como uma árvore de natal, você pode não ligar mas acaba percebendo que está lá.

Eu cheguei na velha casa dos Silva, uma casa que ficava no meio das plantações de milho que eles cultivavam, quatro pessoas, Denis de 5 anos era o mais novo ele estava na cama quando cheguei, a filha mais velha já estava para se formar no colégio com seus 17 anos, ela sonhava em ir para a faculdade e ajudar seus pais, a senhora Silva já tinha seus 50 anos assim como seu marido Arno, eles me chamaram para cuidar de alguma coisa que estava fazendo muito barulho na plantação anoite.

Como eles tinha falado comigo durante o dia eles já sabiam que eu iria, pedi para que ficassem na casa para evitar maiores problemas, parei minha velha camionete na entrada da casa, a porta estava enferrujada e fazia barulho quando abria e fechava, eu levava comigo minha boa companheira, minha espingarda, a lua estava a iluminar quase tudo, entrei na plantação com o máximo de silencio, quando parei por um momento ouvi o barulho, era sorrateiro sabia que eu estava lá, senti o bafo em minha nuca em um instante virei não tinha nada á.

Continuei um pouco a frente quando senti um rasgo em meu rosto, sangue descia como uma cachoeira em meus olhos, corri para pegar o que quer que tenha sido que me feriu, mas a visão ficava embaçada, quando cheguei no final da plantação vi uma figura no pasto, meio humana meio animal, a última coisa que me lembro é cair no chão.

11/05/1990. Acordei assustado sem saber o que tinha ocorrido ou onde eu estava, minha visão foi voltando aos poucos, pude ver com certos borrões a cadeira de balanço no canto da sala perto da janela onde a senhora Silva costumava se sentar à noite para ver TV com suas agulhas de tricô em quanto seu marido e filhos ficavam no sofá, sofá que por sua vez onde eu estava logo lembrei do ocorrido na noite passada logo levei minhas mãos ao meu rosto mas para minha surpresa não havia nada, sem cortes, sem sangue, A senhora Silva logo entrou pela porta.

- Bom dia, o senhor acordou, meu marido achou o senhor desacordado perto da cerca do pasto, tinha sangue por toda parte, mas não tinha nenhum corte no senhor, ele o trouxe você para cá já que estava desacordado.

- Eu só me lembro que....

Ele olhou para ela com um momento de plena lucidez e pensou que se contasse a verdade ela acharia que ele está louco então melhor deixar as coisas como estão.

- Eu estou bem senhora Silva eu estou ótimo, deve ter sido alguma coisa que me fez mal eu vou ao médico para ter certeza!

A senhora Silva olhou com um olhar de preocupação por um momento sem falar nada.

- Tudo bem, meu marido deixou sua arma no seu carro.

Ele se levantou e caminhou até a porta sem falar nada ainda confuso pelo ocorrido, ao abrir a porta dando de cara com o senhor Silva, por um momento ele reviveu um flash da noite passada, as garras indo em direção ao seu rosto, com o susto acaba caindo para frente, logo vem a pergunta.

- O senhor está bem? Precisa de um médico?

- Não senhor Silva eu estou bem.

Em quanto ele descia a pequena escada que rangia por conta do tempo que já existia sem parar para agradecer o abrigo que eles tinham dado a ele durante as horas que ele esteve desacordado, sem nem mesmo para para olhar para os lados ele seguiu para sua caminhonete a porta Rangel quando aberta, o motor não ligou na primeira tentativa devia ao frio da noite passada mas sem resistir a segunda tentativa, sem nem mesmo mostrar alguma resistência ele ligou, a poeira subindo com forme o movimento das rodas que giravam, a mesma poeira que fica para trás em quanto a caminhonete seguiu pela estrada de terra levando junto flash e uma bela confusão em uma mente que antes era tão lucida quanto a própria água. Chegando em sua casa uma não muito simples não muito bonita, mas era ótima para viver, quando estacionei o carro na garagem antes mesmo de abrir a porta fiquei um momento sentado sem nem mesmo me mexer o único som que eu ouvia era o do meu próprio respirar,

quando abri a porta ela bateu em um avelha caixa em uma estante que tinha na lateral da garagem, na caixa havia coisas antigas do meu pai inclusive uma foto dele com meu avô, eu nunca o conheci mas eu já tinha ouvido uma histórias que ele contava ao meu pai, falando de um linhagem antiga de caçadores algo assim, eu nunca dei ouvidos sempre achei que era algo fantasioso de uma mente cansada por conta da idade, tudo que eu queria era tomar um banho e ir dormir nem mesmo fome eu estava sentido o que por sua vez era estranho já que eu não comia a quase dois dias.

O vapor por conta do chuveiro estava por todo o banheiro, meus pensamentos já não estavam mais na noite passada mas na verdade minha mente estava calma sem pensamentos ou preocupações, ao vestir minha roupa como de costume calças jeans já eram um pouco surradas de tanto uso, a camisa preta com o logo da banda ac/dc não muito velha não muito nova era a que eu costumava usar quando ficava sem ter nada para fazer, minhas botas militares pretas que já eram de costume

não tinha trabalho no dia então decidi ir no bar da cidade onde eu passava algumas tarde ou noites quando estava sem fazer nada, eu tinha uns amigos lá as vezes jogamos cartas as vezes jogamos conversa fora, somos uma cidade pequena e eu gosto que seja assim, desse jeito não temos muitos problemas além do que nos mesmo causamos a nos, descendo a escada para ir em direção a porta da garagem vi que tinha uma pessoa na porta só dava para ver a sombra dos pés mas dava pra saber que avia alguém lá.

Em quanto eu colocava a chave na fechadura senti um arrepio subir pela espinha um daqueles arrepios que consegue gelar até sua alma, mas mesmo assim continuei até a porta abrir, mesmo o sol estando bem no auge e soltando toda luz que conseguia não demorei muito para ver quem era, era Denis o entregador de carta da cidade, como era uma cidade pequena aviam apenas dois carteiros Denis e seu irmão mais velho John.

- Bom Dia Denis, o que posso fazer por você?

- Bom Dia senhor! Tinha uma caixa em nome do seu pai em nosso deposito de cargas, eu acho que está lá a uns dez anos no mínimo.

- DEZ ANOS? e por que não jogaram fora ou mandaram antes sabe eu acho que agora é um pouco tarde para ser entregue.

- Eu sei disso, mas melhor ela chegar um dia do que nunca chegar sabe, o senhor vai receber ou devo levar de volta?

- Não tudo bem Denis eu recebo.

Depois de ter assinado eu não liguei muito mas devo admitir que fiquei muito curioso para saber o que tinha na caixa, nela havia muitos adesivos alguns eu não reconhecia mas tinha o remetente ele vinha do Peru, , meu pai nunca mencionou que conhecia alguém do peru, a caixa em si tinha um certo peso minha curiosidade pelo que havia dentro crescia mais ao longo do tempo que eu me questionava o que era, mas eu não devia abrir já tinha muita coisa na cabeça para aguentar o que quer que tenha lá dentro e nunca é bom reviver o passado

meu pai nunca e eu sempre fomos ligados então não era a melhor hora para lembrar dele, deixei a caixa na mesa de centro, era meio antiga foi meu próprio pai tinha essa tampa de vidro ele dizia que as coisas iam ficar claras como um vidro bem polido, nunca entendi o que ele queria dizer, a caixa ficou lá em quanto eu me dirigia pro carro senti aquele arrepio subir pela espinha de novo mas dessa vez foi rápido, não demorava muito da minha casa até o bar já estava anoitecendo e você já imaginava as luzes que acendiam quase toda a rua, eu sabia que iria encontrar amigos lá eles iam quase todos os dias após os trabalhos para conversar e distrair, em quantos estacionava o carro na frente do bar e suas luzes brilhantes vi um homem entrar ele tinha um chapéu um velho dos redondos que normalmente os padres usam ele entrou de cabeça baixa sem que eu pudesse ver seu rosto, mas as botas que ele usava tinham um pouco de lama, seu sobre tudo era preto um pouco velho também.

Guilherme não ia ficar feliz com o barro no seu bar ele cuidava desse bar como se fosse sua mulher, não é à toa que Jasmim separou dele por cuidar tanto do bar acho que eu também ficaria com ciúmes, fechei a porta e fui para a porta pela segunda vez em menos de uma hora sentir aquele arrepio subindo pela espinha mas dessa vez eu ignorei e fui como alguém que estivesse apertado para ir ao banheiro entrei sem nem mesmo olhar pro lado, tinha algumas mesas como as de lanchonete no fundo do bar onde você podia sentar e conversar, podia comer também se tivesse coragem de experimentar os grudes que o Guilherme fazia, no balcão tinha bancos atrás havia uma prateleira cheia de bebidas umas era muito antigas e outras eram repostas todos os dias, sentei e Guilherme logo veio ao meu encontro.

- Veja só quem temos aqui já fez tempo em Thompson meu amigo!

- Guilherme! Como vai meu amigo? E os negócios?

- Vão bem e estou bem também, você parece um pouco assustado alguém problema?

- Nada que uma cerveja gelada não resolva.

Guilherme abaixou e logo uma cerveja já estava na minha frente, em quanto eu tomava o primeiro gole, o homem que tinha entrado antes de mim se levantou sem muita presa e veio em minha direção, sem demonstrar que percebi ele se aproximando continuei a beber, quando ele chegou a uma distância o suficiente ele finalmente disse algo.

- Olá Thompson você realmente lembra seu pai. Sem muito tempo para ter uma reação eu olhei para ele com um olhar de espanto, sem pensar direito também levantei o encarando.

- Você conheceu meu pai? Quem é você? - Sim eu o conhecia, aliás ele morreu nos meus braços em quanto eu jurava a ele que iria cuidar de você na hora certa.

- MEU PAI SUMIU A TEMPOS ATRAS E VOCÊ VEM DISSER QUE VIU ELE MORRER!

- Pelo temperamento você é realmente filho dele.

Em um movimento único saquei minha arma e apontei para um cara que dizia conhecer meu pai.

- Alguma palavra antes de morrer seu verme filha da puta?

- Não, mas antes de atirar por que não pega isso. Ele me deu uma corrente da àquelas que pode se por duas fotos, eu me lembro do meu pai ter uma com a foto da minha mãe e uma minha, ele dizia que era para ele se manter vivo sempre, por que saber que teria pessoas que precisavam dele em um lugar a pesar de tudo.

- Onde...Onde você achou isso velho? - Thompson temos muito que conversar filho.